

# Jânio. De novo?

Régis de Castro Andrade\*

Muita gente anda dizendo que Jânio é ultrapassado, um político do Brasil atrasado. É verdade e não é. Em todo caso, fica difícil entender o seu prestígio na moderníssima São Paulo. Afinal, pelo que indicam as consultas de opinião, o ex-presidente tem a preferência de 30 a 35% do eleitorado paulistano.

É muito possível, além disso, que, para boa parte do eleitorado, o argumento da velhice de Jânio não seja convincente. Convém apurar um pouco a análise.

O argumento sugere duas coisas. A primeira — e essa sugestão contém uma pitada de arrogância —, que o “atraso” do candidato reflete o “atraso” de uma parte do eleitorado. A segunda, que Jânio é um sobrevivente do populismo na Nova República.

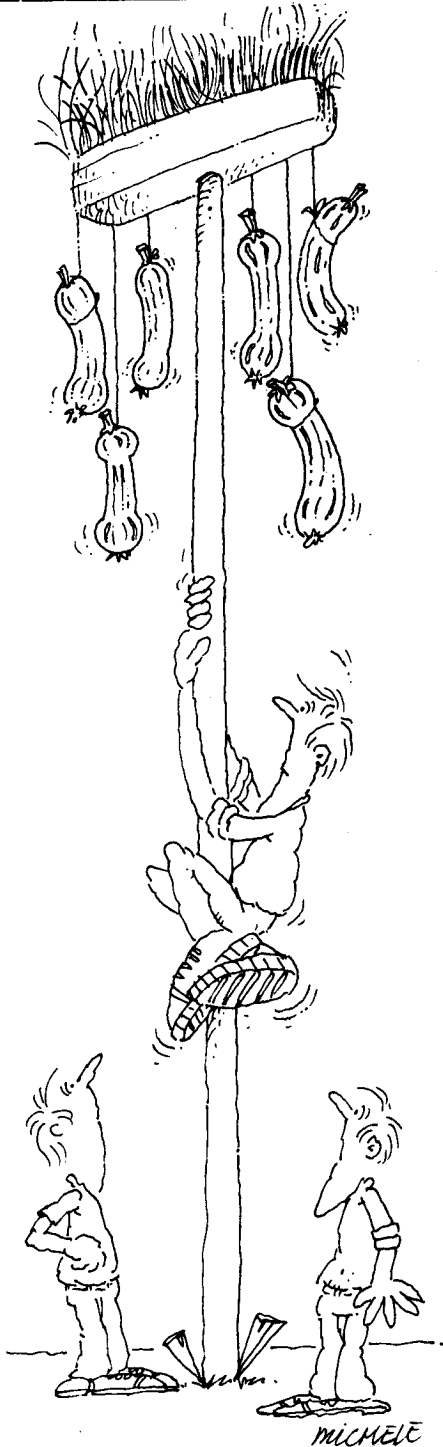
É preciso convir que a divisão do país em duas partes — a “moderna” e a “atrasada” — explica muito pouco da realidade nacional e menos ainda da realidade paulistana. Será possível que tanta gente assim, numa cidade ultra-urbana, informada, industrializada e politizada em campanhas pequenas e grandes, vote em Jânio por “atraso”?

São Paulo é um complexo popular-industrial integrado, enorme e contraditório, em que o “velho” e o “novo” são diferenciações secundárias e, de qualquer modo, faces da mesma moeda, interdependentes e em constante interação. No plano político, essa realidade social transparece no amplo e efetivo exercício da cidadania em São Paulo. Os paulistanos já aprenderam que têm direitos. De uma forma ou de outra, em algum grau, em algum momento, envolvem-se nos assuntos da coletividade, seja para reivindicar o fechamento de buracos na sua rua, seja para exigir diretas-já.

As pesquisas indicam que Jânio é mais forte entre os eleitores de baixa renda (36,4% dos que ganham até quatro salários mínimos, na pesquisa da *Folha de S. Paulo* de julho de 85) e entre os de baixo nível de escolaridade (39% dos que têm apenas formação primária). Mas, pelas razões apontadas acima, seria imprudente concluir desses dados que os mais pobres e menos instruídos — em boa parte, os trabalhadores desta cidade — votem em Jânio sem nenhuma consciência do que estão fazendo.

Por que, então, tanta gente parece decidida a votar em Jânio? A questão é complicada, mas pode-se sugerir algumas respostas, tendo-se presente, desde logo, que as avaliações políticas do eleitorado paulistano não se referem apenas ao quadro municipal: levam em conta tam-

\* Régis de Castro Andrade é sociólogo, diretor do CEDEC e professor de Sociologia na USP.



bém a situação estadual e nacional.

Entre as razões do voto janista, o descontentamento com o governo Montoro parece ter considerável importância. Ele vem dos bairros onde a presença do Estado é fraca, insuficiente: onde não há segurança, iluminação nas ruas, calçamento, esgotos, transportes eficientes etc. Vem dos desempregados, por quem o governo não fez nada, nem tentou nada. Vem dos funcionários públicos mal pagos. Não se poderia, portanto, falar de “redutos” janistas, como se falava de “currais eleitorais” na velha sociedade.

### *Manipulador de emoções, rancores e esperanças*

A segunda linha de considerações tem a ver com o notório populismo janista. Na fala corrente, a pecha de “populista” sugere que o candidato manipula as massas, e, no caso, é bem aplicada. Jânio é ultrapersonalista, emocional, profético, hábil manipulador de emoções, rancores e esperanças, pai severo. Mas o populismo nunca se resumiu a carisma e manipulação demagógica das massas. Envolve também, em seu discurso e em suas políticas, aspirações e frustrações reais do povo. Por isso mesmo, as formas do populismo — o personalismo, o paternalismo etc. — têm significados políticos que se alteram com o tempo. Há 25 anos, a vassoura levou Jânio à presidência: o povo desejava sobretudo uma administração honesta. E se ainda hoje ele combate os corruptos, a ênfase já não está nisso, mesmo

porque a corrupção não é característica dos governos do estado e do município. A ênfase está em prometer o que a população reclama do atual governo e, sobretudo, em prometer uma administração  *pessoal*  e não  *política*  (“Nunca partilhei o poder com ninguém”, disse o candidato recentemente, perguntado sobre as funções do seu vice-prefeito).

---

### *Jânio se vale do descrédito na política*

---

Talvez essa seja uma outra pista para entender a ressurreição do ex-presidente: ele é o “antipolítico”. Não participou das campanhas populares contra a ditadura, não esteve nos palanques das diretas-já, não se inclui entre os herdeiros de Tancredo. Em princípio, isso jogaria contra ele: mas Jânio capitaliza, precisamente, as frustrações que são o contragolpe das imensas expectativas populares de 1984. Incorpora, em especial, o desencanto com a política e com os políticos. Sustentam-no a falta de coerência partidária, o “trem da alegria” para o Senado, o escândalo dos altíssimos salários na Assembléia Legislativa de São Paulo, a revoltante impunidade dos “pianistas” do Congresso, o oportunismo dos políticos trocando de partido como quem troca de camisa.

Ao sentimento difundido de que tudo continua como antes por causa dos “políticos” e da “política”, Jânio contrapõe a imagem do reformador independente, decisivo, justiceiro, acima dos partidos e próxi-

mo do povo. O “povo” nele encarado, contraposto à “elite política” corrupta e mentirosa. Tal é o sentido das referências abusadas do candidato aos sobrenomes dos adversários (Matarazzo e Cardoso) e das acusações ao “intelectual” Fernando Henrique (“conhece a Europa mas não sabe onde fica Sapopemba”).

Jânio não propõe nada além de si mesmo. E cerca-se hoje, em operação de máximo oportunismo, de malufistas e políticos reacionários do PFL e do PDS. Sua eleição para a prefeitura de São Paulo provocaria crise incalculável no PMDB, coisa que interessaria a pouca gente séria no país, e reforçaria as diretas de modo geral. É preciso lembrar que foi ele quem promoveu a substituição dos nacionalistas no comando das Forças Armadas pelos oficiais responsáveis pelo golpe de 1964. Foi ele quem renunciou depois de nove meses de governo e atirou o país em tremenda crise política. Foi ele quem, por ocasião da renúncia, disse aos generais: “Formem uma Junta Militar e governem este país”.

---

### *Por esse e outros Jânios que virão*

---

Para vencê-lo nas urnas, no entanto, é necessário não subestimá-lo e mal interpretá-lo. Se a Nova República não cumpre os seus compromissos populares e não acaba com as indignidades da vida política no país, será vencida por esse ou outros Jânios que virão. ★